

«Não basta promover os destinos!». Guias de montanha queixam-se da falta de sensibilidade de algumas agências. Pensando que os percursos são acessíveis, os turistas chegam ao pé dos guias com roupa e sapatos inadequados para o propósito. Promotores não informam correctamente os clientes.

TERESA GONÇALVES



Guia de montanha há mais de trinta anos, com o seu farnel, Emanuel Andrade carrega sempre uma podoa para limpar os percursos. Mostra-se revoltado com a "pirataria" que há em termos de guias e está preocupado com as condições de alguns percursos. E sabe do que fala, pois anda a pé pelas serras da Madeira sete dias por semana. «É preciso pagar a alguém que limpe os percursos. A Madeira vive do turismo e temos que ter mais cuidado», alerta.

tre a Boca da Corrida e a Encumeada. Com um guia de montanha e dois turistas estrangeiros, metemo-nos a caminho e constatámos que as condições não são as melhores: a carqueja arranha-nos nas passagens, as derrocadas tornam o passeio mais perigoso e, em muitas situações, a falta de varandas é evidente.

O guia Emanuel Andrade vai à frente. De podoa na mão, como habitualmente, monda e afasta superficialmente os obstáculos que encontra e faz pequenas levadas para desviar a água do percurso que costuma fazer uma vez por semana. «Não vale a pena, a maior parte dos guias não se importa. Passam e não se preocupam em deixar o caminho livre».

Ao longe, avistámos, à nossa frente, um grupo enorme de turistas que teve de se sujeitar às condições do percurso e, atrás, conseguimos ver outro grupo que, felizmente, não vai encontrar tantos "obstáculos". Mas a carqueja e a urze teimam em crescer... dentro de dias, deverá estar tudo igual.

Em determinados pontos do passeio, o guia grita: «Cuidado!». Traduz a frase em inglês e, imediatamente, ficámos todos em alerta. Passámos por uma zona mais perigosa, onde à direita temos o silvado e, à esquerda, um abismo. A falta de varandins e o chão escorregadio assustam os mais inexperientes. Continuámos.

Para além destes contratemplos, a falta de indicações no percurso é evidente. Se não estivéssemos com um guia que conhece o percurso "de cor e salteado", o que seria de nós... Mas há muitos grupos que avançam

trilho adentro, apenas com um mapa confuso nas mãos.

Emanuel Andrade conta-nos que, na maior parte dos percursos que faz, é assim. Muitos passeios não oferecem qualquer segurança. No entanto, os acidentes acontecem, também, por falta de informação por parte dos promotores. Segundo o guia, muitas agências vendem "coelho por lebre". «Mesmo que seja um percurso difícil, limitam-se a dizer ao estrangeiro que é acessível», diz. Muitas vezes, os turistas apresentam-se, prontos para passear, com sapatos de salto...

Henry Blakemore vem da Inglaterra e, com 64 anos, faz passeios a pé - com regularidade - há dez. Em

média, por ano, anda 60 vezes a pé durante algumas horas. Está na Madeira pela terceira vez e a descoberta da natureza mediante novos trajectos é o que mais lhe agrada. Costuma passear em diferentes países e deixa-nos a sua impressão sobre os percursos pedonais da Madeira.

«A Madeira é maravilhosa, desde as suas paisagens às pessoas simpáticas que habitam nela. Já fiz três passeios a pé e gostei muito do que vi, embora alguns tenham poucas condições, o que pode ser fatal para pessoas com pouca experiência».

Já Mike Smith, de 47 anos e também inglês, está na Madeira pela sexta vez e é mais crítico na sua avaliação. Já fez sete passeios a pé e sabe do que fala. «É difícil fazer alguns percursos porque não são limpos. Nalgumas partes, corremos o risco de cair. Acho que os próprios guias deveriam denunciar os percursos menos próprios e todos deveriam contribuir para a limpeza. Pagamos para fazer os percursos... não pode ser só lucros», remata.



DRF à espera de fundos da UE

A Direcção Regional de Florestas está à espera de fundos da União Europeia para poder reparar os percursos pedonais e construir, nalguns locais, varandas. O responsável pela tutela diz que, neste momento, estão a ser feitos inventários das zonas mais dramáticas.

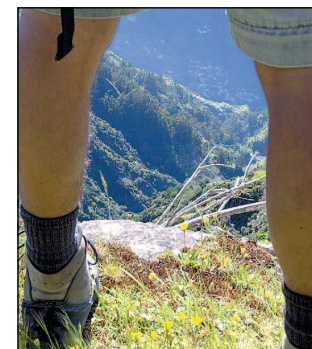
No entanto, não há uma data específica para a conclusão dos "relatórios" e a DRF «só parte para o terreno quando tudo estiver inventariado». Rocha da Silva explica que a DRF se candidatou ao PO-PRAM para adquirir fundos para a sinalética e que a candidatura foi aceite. O objectivo é «personalizar cada percurso».

Através do INTERREG, a DRF também vai conseguir algum apoio para a construção de varandins e de recantos para descanso.

Mas Rocha da Silva deixa claro que não vão ser construídas muitas varandas e que o aspecto natural vai ser sempre salvaguardado. «Não podemos descaracterizar os percursos», sublinha.

Mesmo com o apoio que espera receber, a DRF entende que vai ser complicado poder fazer obras nalguns percursos, e isto porque não é fácil arranjar uma empresa que esteja interessada em fazer os seus trabalhadores andar a pé horas a fio, só para chegar ao local de trabalho.

Quanto à manutenção que vai ser necessária depois das



obras que alguns percursos vão sofrer, Rocha da Silva diz que esta é uma questão que está a ser equacionada e que «a manutenção tem que ser pensada e partilhada». Quanto aos acidentes que têm ocorrido nos diversos percursos pedestres da Região, o director de Florestas diz que as causas não se prendem apenas com as condições dos percursos, pois muitos turistas se aventuram a fazer caminhadas, mesmo com mau tempo. Outra das causas que fazem perder muitas vidas é - para o director - o espírito demasiado aventureiro (que os faz sair das levadas para ter um contacto mais próximo com a natureza) e as posições acrobáticas que alguns turistas fazem para conseguir tirar fotografias.

Rocha da Silva lembra que há percursos com um grau de dificuldade mais elevado que não se destinam a todas as pessoas. O risco de haver acidentes é semelhante ao de outros locais montanhosos, acrescenta.